

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Presidente do Conselho*MANOEL FRANCISCO BRITO — *Diretor Presidente*ROSENAL CALMON ALVES — *Diretor*WILSON FIGUEIREDO — *Diretor de Redação*DACIO MALTA — *Editor*MERVAL PEREIRA — *Editor Executivo*ORIVALDO PERIN — *Secretário de Redação*

Anões Encalacrados

Quando visitou Brasília, pouco antes de sua inauguração, Simone de Beauvoir teve a impressão de ter visto nascer um monstro cujo coração e pulmões funcionavam artificialmente, graças a processos de um custo mirabolante. "Em todo caso", dizia, "se Brasília sobrevive, a especulação vai se apossar dela." Enganou-se a companheira de Sartre ao duvidar da sobrevivência da nova capital — no mais a profecia se cumpriu.

O sentimento de pesar é inescapável diante da perversão de uma utopia de desbravamento, reconstrução e integração numa espécie de redoma burocrático-militar, alienada do resto do país, transformada numa sementeira de fraudes políticas. A nação só pode ficar perplexa e constrangida em face do espetáculo de desfaçatez e cinismo encenado ao longo da semana pelos depoimentos dos anões da máfia do Orçamento.

Como foi possível isso? A pergunta é a que assalta invariavelmente os setores saudáveis das sociedades que descobrem a vergonhosa promiscuidade entre política e crime, representação e gatunagem, imunidade e impunidade. A proposta orçamentária é a principal peça do planejamento do Estado, votá-la e fiscalizar seu cumprimento é a principal e mais nobre missão do Parlamento. Como foi possível transformá-la num festival de fisiologismo e de jogadas obscuras?

Que teia de cumplicidades permitiu que o dinheiro do contribuinte fosse sordidamente canalizado num orgia de loteamentos, com o fito de enriquecer do dia para a noite essa degradante escumalha? Por que a cidade modernista desandou em escola da cavação? Que tipo de insensibilidade malsã levou os parlamentares a batizarem a famigerada Comissão do Orçamento de "queijo suíço", e a deixarem entregar aos ratos, até o dia em que um deles, por outros motivos, botou a boca no trombone?

Depois dos patéticos desempenhos na CPI do Orçamento dos deputados João Alves (PPR-BA) e Cid Carvalho (PMDB-MA), a atuação do deputado José Geraldo Ribeiro (PMDB-MG) confirmou o que todos sabiam. Que os furos no (nosso) queijo são produzidos por subvenções a sociedades filantrópicas criadas por ele mesmo, na verdade entidades fantasmas ligadas às suas empreiteiras. Só no Orçamento de 1992, o anão mineiro conseguiu desviar US\$ 264 mil. Reconheceu ainda sua

assinatura nos termos do acordo entre o Departamento de Orçamento da União e a Comissão de Orçamento para que as emendas em benefício próprio fossem incluídas no projeto orçamentário.

Genebaldo Corrêa (PMDB-BA) é um outro atravessador de emendas que enriqueceu na última década. Admitiu, sem pestanejar, que os US\$ 1,6 milhão em suas contas bancárias vieram de "sobras de campanha" e não conseguiu explicar a compra de um apartamento em 1991. O exame de sua movimentação bancária revela uma entrada média mensal de US\$ 26 mil, incompatível com seu salário de deputado. Perguntado se recebeu cheques de João Alves, ficou em constrangedor silêncio.

As denegações, o deslante, as mentiras deslavadas, as invencionices, as fintas e desculpas esfarapadas desses dois pressupõem uma fé absoluta na impunidade e uma arraigada certeza de que o povo brasileiro é composto de imbecis. É um desaforo insuportável que revela rematada imbecilidade. José Geraldo Ribeiro, vulgo "quinzinho" (alusão aos 15% que sempre fatura de forma escusa), e Genebaldo Correia não passam de ladrões descarados e devem ser cassados sem delongas. Sem prejuízo do processo por perjúrio.

A faxina prossegue com Manoel Moreira (PMDB-SP), cujas tramóias foram antecipadas no arrasador depoimento de sua ex-mulher, Marinalva Soares. Segundo ela, este diácono da Assembleia de Deus é um vigarista, que montou uma entidade evangélica para irrigar seu cofre com verbas públicas. Moreira conseguiu malandramente adiar seu depoimento para o sábado, a fim de escapar do foco dos jornais e das revistas semanais, que fecham suas edições antecipadamente. Esperteza de desesperado.

Convém ressaltar, contudo, que essa banda podre não resume o Congresso. Longe disso. A melhor prova é o procedimento impecável dos encarregados da CPI do Orçamento. A honradez soma-se, no caso, a competência. É reconfortante verificar que nossa tradição retórica esteja sendo substituída por uma inquirição baseada em documentos e testemunhos irretorquíveis. As perguntas acertam em cheio quando as negações esbarram em cheques e papéis assinados.

Está nas mãos desses deputados íntegros e competentes o resgate do sonho que Brasília um dia representou.